



RITMO QUE INTEGRA:

A MÚSICA E A HISTÓRIA NARRADA NA APROXIMAÇÃO ENTRE EQUIPE E USUÁRIOS

INTEGRA THAT RHYTHM:

THE MUSIC AND THE STORY TOLD IN TEAM AND APPROACH BETWEEN USERS

Geovani Fachini da Silva

Gabriela Kunz Silveira

Resumo

A partir do acompanhamento de uma experiência de estágio de psicologia no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos com ênfase em Atividades Socioeducativas na Comunidade – PASEC, pretende-se abordar o trabalho de aproximar uma equipe interdisciplinar, composta pelas áreas da psicologia, biologia, nutrição e serviço social, da realidade vivenciada pelos usuários deste serviço. Para a intervenção de estágio foram utilizados relatos dos casos, de forma lúdica, junto à equipe e também, um grupo fechado com crianças e adolescentes participantes do serviço. O grupo utilizou recursos da arte para a integração dos participantes. A música se mostrou como o recurso mais adequado ao grupo, pois proporcionou atingir o objetivo de acolhimento das experiências e histórias de cada usuário. O relato das vivências para a equipe através da narrativa de contos provocou técnicos e estagiários a se colocarem no lugar dos outros, dos usuários, promovendo efetiva aproximação entre eles.

Palavras-chave: Equipe interdisciplinar. Fortalecimento de Vínculos. Música.

Abstract

Starting of the time of monitoring of an trainee experience of psychology in the *Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos com ênfase em Atividades Socioeducativas na Comunidade* – PASEC (Department of Relations and Strengthening Linkages with emphasis on the Community Socio-Educational Activities - PASEC) is intended to address the work of an interdisciplinary team approach, consisting of the areas of psychology, biology, nutrition and social service, the reality experienced by users of this service. For the intervention stage of case reports, in a playful way, with the team and also a gated community with children and adolescents participating in the service group were used. The group used resources of the art for the integration of participants. The song proved to be the most appropriate resource to the group because it provided to achieve the objective of hosting the experiences and stories of each user. The report of the experiences for the team through the narrative tales provoked technicians and trainees to put themselves in the place of others, the users, promoting effective approach between them.

Keywords: interdisciplinary team. Strengthening Linkages. Music.

Considerações Iniciais

Este trabalho é um relato de experiência da intervenção realizada no contexto de um Estágio Básico da graduação em psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. O Estágio Básico do curso de psicologia tem início a partir do momento de procura de local para ser realizado, passando por entrevistas e motivação para a escolha da instituição. O objetivo geral é uma primeira inserção no campo de trabalho da psicologia, desenvolvendo competências básicas que envolvem práticas do trabalho nessa área. O estágio se dá através do processo de aprendizagem, acompanhado por discussões acadêmicas em um grupo formado por diferentes estagiários, de diferentes locais, orientado por uma professora, e também por supervisão profissional do psicólogo(a) da própria instituição que está sendo realizada a prática.

No primeiro momento de interação, o estagiário recebe o privilégio de poder estar fazendo observação, podendo ter as primeiras impressões à respeito do funcionamento do trabalho realizado pela instituição, passando por supervisão profissional para poder trazer dúvidas e elaborar sua reflexão sobre o campo. Junto à observação, é utilizada uma ferramenta importante, a escrita, uma escrita narrativa de diários de campo, onde o estagiário pode colocar todas as sensações que experiência ao viver aquelas no campo.

Além do primeiro momento de inserção na equipe de trabalho, conhecimento do local e sua demanda, o estagiário de psicologia também deve elaborar um projeto de intervenção, que venha a acrescentar para a própria instituição e para o qual exista uma demanda que ainda não tenha sido trabalhada no local. Durante o primeiro semestre é feita a elaboração do projeto de intervenção, e no segundo semestre é feita a ação. O processo se dá no decorrer de um ano, assim acontece a primeira inserção no campo profissional da psicologia.

Apresentação do local

Programa de Ação Socioeducativa na Comunidade – PASEC: assim intitula-se o Projeto escolhido para ser realizado o estágio de psicologia que é relatado aqui. O PASEC é um projeto de Ação Social da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, projeto este, que é de Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), que objetiva o fortalecimento de vínculos afetivos na comunidade por meio de uma Horta Escolar, a Horta

Mãe da Terra. Nesse sentido, o PASEC passa a ser uma rede de apoio a esses usuários, seguindo assim as políticas do SUAS (Sistema Único de Assistência Social)

O Projeto acontece na zona norte de São Leopoldo, tendo a escola Santa Marta como um único local de referência para a comunidade e também onde acontece as atividades da horta. As atividades são voltadas para o cultivo da Horta Escolar, para atividades lúdicas, educativas e visitas domiciliares nas casas dos usuários quando necessário. As atividades que são realizadas com os usuários são elaboradas num contexto educativo, trabalhando com materiais recicláveis, prezando a importância da preservação do meio ambiente. Todas as atividades acontecem nos contra turnos, durante a manhã para os alunos que estudam a tarde e durante à tarde para os alunos que estudam de manhã.

Na manhã os horários são das 9h às 11hs, e à tarde, das 14hs às 16hs, tendo atividades segundas-feiras, quartas-feiras e sextas-feiras. Qualquer aluno da escola Santa Marta pode participar independente do ano escolar que cursa. Os usuários têm a faixa etária entre 06 e 15 anos de idade. Nas quintas-feiras a equipe se reúne no campus da UNISINOS/São Leopoldo, para discutir o trabalho realizado, as situações dos usuários e planejar atividades. O PASEC trabalha com diferentes áreas, mediados por técnicos de suas respectivas profissões: biologia, nutrição, psicologia e serviço social. Atualmente a equipe está formada por uma bióloga, uma nutricionista, uma assistente social, uma psicóloga e estagiários de todas as áreas, tendo também um coordenador do Projeto que tem sua formação em biologia.

Percepções durante a inserção no campo e organização da intervenção

Algumas perguntas foram aparecendo no decorrer do processo de inserção no PASEC, como: por que acontece o desligamento dos usuários? O desligamento é bom para o usuário, ou para o projeto? É um projeto que apenas realiza atividades? As atividades socioeducativas que são utilizadas como ferramentas para trabalhar com os usuários tomaram a frente, sendo sempre o foco do trabalho, ficando sem privilégio outros aspectos do trabalho como a discussão de casos, as visitas domiciliares e o planejamento, a execução e os resultados de outras intervenções. No momento em que as atividades assumem tal importância, o usuário fica em segundo o plano.

A partir da observação e análise desta realidade, foi proposto como Projeto de Intervenção do Estágio Básico de psicologia que buscava potencializar a aproximação da

equipe dos usuários do serviço. O objetivo geral do Projeto foi descrito desta forma: contribuir para a aproximação entre participantes do projeto Horta Mãe-da-Terra e a equipe do PASEC, através de um espaço de acolhimento e compartilhamento das experiências e histórias já vividas por cada um. Foram elencados como objetivos específicos:

1. Oportunizar e estimular os usuários a participarem de um espaço de fala específico para o compartilhamento das histórias e experiências de cada um;
2. Possibilitar aos usuários que produzam um outro olhar sobre sua própria história e sua forma de se relacionar com os outros;
3. Incluir a equipe na realização deste grupo, para que participe junto com os usuários, de forma a oportunizar o fortalecimento de vínculos afetivos entre ambos;
4. Oportunizar que a equipe possa olhar novamente para cada um dos participantes, através de discussões das situações, compartilhamento das impressões e momentos de reflexão sobre o lugar de cada estagiário;
5. Estimular o diálogo entre as áreas que compõem o PASEC, abrindo possibilidade para troca de experiências e para reflexão sobre as práticas de cuidado no serviço.

Este trabalho passou por um processo de mudanças ao ser colocado em prática, as quais foram feitas a partir da análise permanente da realidade local. As modificações foram necessárias para o procedimento e resultados. A própria instituição passou por mudanças significativas neste mesmo tempo, o que demonstrou flexibilidade da equipe, porém o objetivo do projeto continuava sendo um problema a ser trabalhado.

A proposta se organizou para a montagem de um grupo, fechado, em torno de seis a oito participantes, com número de encontros delimitado em torno de cinco, sendo realizados uma vez por semana. Para composição do grupo foi planejado incluir os estagiários da equipe, cada um pensaria em um participante para fazer parte do grupo, dizendo o porquê de escolher cada usuário. Dessa forma a equipe de estagiários já iniciaria uma reflexão sobre cada um dos participantes do projeto. Outra forma de intervir junto à equipe, foi incluir na composição do grupo um estagiário, o qual não seria coordenador da atividade, e sim um “participante”.

Em relação à metodologia, a proposta escolhida foi a utilização de alguns elementos da arte, como a música, a fotografia, a literatura e o vídeo, para poder acessar as histórias de

cada um, porém sendo o grupo a principal ferramenta, para facilitar o contato com essas questões.

Análise do processo de intervenção

Para dar início a intervenção, teve de ser pensado em um espaço físico que fosse possível. A sala do PASEC na Escola Santa Marta não possuía adequação necessária, pois a ideia era que o grupo alvo da intervenção ficasse separado dos outros, e que não houvesse interrupções de pessoas externas ao grupo. A partir de um contato com a direção da escola, foi solicitado um outro espaço para poder realizar essa atividade. A escola cedeu uma sala bem estruturada, a qual proporcionava a todos que se sentissem bem, pois tinha amplo espaço e ferramentas para trabalhar, o que facilitou para ser um espaço específico de escuta.

A intervenção começou no dia em que foi apresentado o Projeto de Intervenção para toda a equipe do PASEC. Nesse dia foi pedido para a equipe de estagiários que pensasse, individualmente, em um participante que pudesse compor o grupo alvo da intervenção e depois apresentasse sua escolha, justificando-a. Os estagiários também foram convidados a escolherem entre si, um que se disponibilizaria a participar deste mesmo grupo, por livre e espontânea vontade. Quem se disponibilizou foi a estagiária Maria¹ da biologia.

Os estagiários deveriam cada um escolher um usuário para participar do grupo e deveriam escrever individualmente, sem trocar informações com os demais colegas, o nome deste participante e o motivo pelo qual estava sugerindo seu nome. Foi possível perceber que frente a essa proposta de trabalho, nem todos se sentiram à vontade com o projeto, demonstrando isso através do silêncio. Já outros, conseguiram trazer para discussão a importância de se trabalhar com a equipe sua capacidade de aproximação junto aos participantes. Esta primeira tarefa iniciou a reflexão sobre cada um dos participantes do projeto, e esse era um dos objetivos propostos para a intervenção. Uma das estagiárias escolheu o participante por ele ser “calado”, outros elencaram os motivos com descrições que podem ser nomeadas como sintomas, tais como problemas físicos que afetariam o lado emocional e agressividade. Apenas um dos participantes foi sugerido por seus potenciais.

¹ Todos os nomes dos participantes do grupo são fictícios.

Após esse momento com a equipe, foi feito contato com os participantes que tinham sido indicados. Eles foram convidados a participar, mas não eram obrigados a aceitar. Dos que foram escolhidos pela equipe, todos toparam participar, se mostraram bem motivados. Dois outros participantes foram escolhidos pelo estagiário e sua supervisora, em razão das demandas que já haviam trazido durante as atividades, por um espaço de fala. Destes dois apenas uma ingressou no grupo, a Fernanda. Para preencher as vagas que sobraram, foi aberto convite geral para todos, sendo que se houvessem mais interessados, seria feito um sorteio. A grande maioria quis participar, foram sorteados os dois últimos que completaram as vagas do grupo.

O grupo fechou com formação heterogênea, composto por oito participantes, com idades entre 7 a 14 anos e 28 anos, sendo uma da equipe de estagiários. Os participantes são: a Joana que tem nove anos, o Henrique de onze anos, o Gilberto de oito anos, a Paula de quatorze anos, o Roberto de dez anos, o João de sete anos, a Maria de vinte e oito anos e a Fernanda de dez anos. A supervisora de estágio acompanhou todos os encontros, sendo que foi combinado previamente, a função dela como apoiadora, ficando a coordenação do grupo sob responsabilidade do estagiário. A função de apoiadora seria voltada a ajudar a perceber questões para acrescentar e chamar para situações se fosse necessário.

O amparo teórico proposto para esta intervenção foi da psicologia social e análise institucional. A raiz que vem a teoria grupal escolhida é de grupo operativo, conceito vindo da psicologia social de Pichon-Rivière, que visa trazer pelo porta-voz a verticalidade (história pessoal do sujeito) e a horizontalidade (processo atual que ocorre no aqui e agora com a totalidade dos membros dos grupos).²

A perspectiva do grupo deste projeto vai além do que de uma pura verticalidade e de uma simples horizontalidade, acompanha avanços da teoria de Pichon-Rivière, estudados por Kamkhagi (1986), onde a autora se baseia em Guattari e aborda a transversalidade no grupo, abrindo possibilidade de uma análise mais ampla, que considera o contexto onde este grupo acontece e o que o forma.

O mais importante está para além da tarefa proposta, no caso deste projeto, seria a formação de um espaço de acolhimento e escuta onde os participantes do grupo poderiam trazer mais de si, ouvir os outros e também a si mesmos. O primeiro dia de grupo foi ocorreu

² KAMKHAGI, Vida R. Horizontalidade, verticalidade, e transversalidade em grupos. In: BAREMBLITT, Gregório F. *Grupos: teoria e técnica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

em cinco de maio de 2014. Para dar início ao grupo, o objetivo era que os participantes entrassem em contato com suas histórias, o estagiário como facilitador, iria mediar à reflexão deles. A arte foi escolhida como um instrumento para dar apoio nesse trabalho, para facilitar o acesso às experiências de cada participante. A escolha para o primeiro dia foi trabalhar com contos, para que através de histórias eles pudessem pensar sobre a história deles mesmos.

Para o primeiro encontro havia o sentimento de incerteza, no sentido de não ter ainda a noção de como seria esse momento. Foi pensado sobre o grupo, sobre como a arte estaria articulada, sobre qual o papel de facilitador no grupo, sobre os objetivos, mas não havia se pensado sobre a questão da heterogeneidade no grupo. No primeiro dia se teve a intenção que os participantes fizessem uma reflexão sobre eles mesmos, sem se dar conta que crianças não refletem num processo complexo como estava sendo propondo, fazendo articulações com referências deles fora da escola. Que referências uma criança pode fazer a partir de suas experiências?

Ao pensar grupo, metodologia da qual a supervisora e o estagiário adequaram ao projeto, foi percebido que deveria ser colocado em questão o fato de ter crianças de sete anos no grupo. Já no primeiro dia de grupo, em que foi proposta a tarefa de escrever ou desenhar algo sobre histórias escutadas - articulando com as histórias deles mesmos - os mais velhos, inclusive a estagiária, optaram por desenhar. Esse foi um movimento iniciado pelos menores. Foi pensado inicialmente que poderiam ser os mais velhos que direcionassem o grupo, porém o grupo se movimentou em prol dos menores.

Nesse início de grupo, ficou claro que o papel de facilitador, do estagiário, seria facilitar que o grupo conseguisse refletir e representar quem são eles, a partir dos instrumentos artísticos que estavam sendo trazidos. Para que isso fosse possível, o estagiário poderia “emprestar” suas representações ao grupo. Essa perspectiva se delineou após o primeiro encontro, esta análise foi importante, pois a partir dela o grupo começa a se constituir e o estagiário começa a entrar no campo grupal, assim como os próprios participantes.

Para além do grupo, a proposta de intervenção, almejava intervir juntamente a equipe. *Como fazer isso?* Pensou-se em utilizar metodologia parecida com a utilizada no grupo com os usuários, partindo das aberturas que a arte possibilita. Foi escolhido o conto – o qual havia sido utilizado também com o grupo na escola. O conto é capaz de provocar a

imaginação e de narrar situações, metodologia a qual se mostrou relevante para esse trabalho. Foi narrado o grupo da escola na reunião de equipe, em formato de um conto. A perspectiva era que fossem emprestados para a equipe os sentimentos vivenciados em grupo, e oportunizar aos estagiários que pudessem “entrar junto” na sala onde o encontro aconteceu.

A equipe ouviu a história que trazia participantes assumindo papel de personagens que eles conheciam. A primeira questão apontada pela equipe, foi que os participantes foram caracterizados exatamente como são, o que mostra que conseguiram sentir e ver esses personagens no grupo. A equipe entrou pela primeira vez em contato com o grupo, achou bastante interessante, e se colocou em posição reflexiva, iniciando processo de discussão sobre as situações de cada membro do grupo.

Acredita-se que a partir deste momento a intervenção começa a criar um sentido para a equipe, pois nas reuniões de equipe começaram a aparecer, pautados como assuntos a serem discutido, situações de diferentes participantes do projeto. Este movimento de se voltar mais para os participantes é um dos efeitos da intervenção proposta.

O segundo encontro com o grupo teve também um grande significado. Foi retomado o contrato grupal, ressaltando o tempo que se ficaria em atividade. A música foi a arte escolhida para esse dia. Foram selecionadas diversas músicas, de diferentes estilos, sendo algumas sugestões que os próprios membros do grupo fizeram. Através das identificações com as diferentes músicas eles fizeram as conexões com as suas histórias. Todos conseguiram se identificar com alguma música. Alguns falavam com gestos, outros com comentários dizendo do que gostavam ou do que não gostavam, fizeram uma conexão da música com os grupos fora da escola, os amigos. Neste dia foi marcado com o grupo, pontos importantes como citar os membros que não estavam presentes - inclusive ouvir a música que a participante que não viera tinha escolhido – trabalhando a falta que cada um faz.

O terceiro encontro era o dia em que seriam trabalhadas as fotos. As fotos não deram conta de facilitar que eles se conectassem a proposta, mas o espaço deu essa oportunidade, pois, a pedido do grupo, novamente foram ouvidas as músicas do encontro anterior, e se conversou por bastante tempo sobre as coisas deles. No final, um dos participantes do grupo foi escrever o nome dele no quadro negro, e o estagiário convidou para que todos fizessem o mesmo, aproveitando a ideia deste primeiro participante, de que pudesse utilizar o espaço da sala mais ampliadamente.

Sobre a narrativa para a equipe, dos encontros com a música e as fotos, todos ouviram atentos, e o estagiário convocou o grupo para a discussão, contextualizando a importância de a equipe poder se aproximar de cada participante do projeto, durante as atividades diárias, ressaltando a importância deste movimento para a prática profissional no serviço. Este encontro com a equipe possibilitou que eles pudessem ouvir as crianças de outra forma, ouvindo apenas as palavras delas, sem ter a presença delas. Foi um momento de escuta distante da rotina, dos desafios do cuidar. Os estagiários disseram gostar desta experiência, de poder conectar-se com esses participantes de outra forma, rever aquela mesma pessoa que conhecem há tanto tempo de outra maneira.

Para o quarto encontro com as crianças e adolescentes, foi proposto aos membros do grupo que pudessem ter um espaço individual, através da produção de um vídeo, no qual seriam entrevistados. Este momento objetivava fazer falar cada um, para falar um pouco de si, e o efeito disso foi bastante importante. Suas características individuais apareceram de forma diferente, os participantes falaram mais livremente.

O fechamento da intervenção foi separado em dois momentos, um com o grupo e outro com a equipe. Anteriormente foi falado para o grupo sobre o interesse de construir o vídeo para finalizar as atividades, e perguntado qual era a intenção deles com esse vídeo. Eles decidiram que o vídeo deveria ser mostrado a todos seus colegas. A partir desta decisão coletiva, ficou marcado que seria feito o fechamento do grupo, e depois no segundo momento seria passado para o restante dos participantes do projeto e equipe de estagiários que estariam trabalhando no dia. Nem todos quiseram que sua entrevista fosse apresentada no vídeo, desta forma o filme apresentado contém apenas as entrevistas daqueles que concordaram.

O segundo momento de fechamento que foi com a equipe, foi passado o vídeo para todos no mesmo sentido de emprestar para eles sentirem o momento do grupo. A diferença foi não ser haver narração de um conto, e sim imagens e falas dos próprios participantes no espaço de grupo. Os estagiários encerram este encontro refletindo sobre o lugar de cada estagiário no serviço e a importância de se aproximarem mais dos participantes acolhendo e conhecendo mais quem são eles.

A música como processo de integração

De todas as artes utilizadas durante o processo de intervenção, a música foi a que mais teve eficiência, pois provocou tanto nas crianças quanto nos adolescentes, falarem de suas relações com outras pessoas, com “as coisas “ do mundo e de seus grupos de amigos fora da escola. A música facilitou a manifestação de conteúdos individuais, os participantes trouxeram características suas identitárias, traços culturais e referências com suas histórias de vida e da sua família, além disto, a partir da utilização da música, ficou facilitado o processo identificatório entre os membros do grupo.

O comportamento dos participantes do grupo frente à música foi de atenção ao que os ritmos estavam “dizendo” sobre eles mesmos. A música foi uma ferramenta que proporcionou a tradução suas vivências cotidianas fazendo com o grupo se conhecesse melhor, fazendo com que todos os participantes pedissem para que se repetisse a atividade que envolvia ouvir músicas e falar sobre elas. A partir da música, a integração do grupo se deu com muito mais clareza e atuação dos que estavam envolvidos, fazendo com que se integrassem mais.

Considerações Finais

Para que esta intervenção fosse possível, o estagiário deveria assumir um lugar onde estaria coordenando um grupo, com uma postura diferente, diretiva, com um potencial de sustentação daquilo que propunha. Foi assumido esse papel a partir da utilização técnica dos saberes do campo grupal, mas para, além disso, o estagiário precisaria manter o afeto, o ato humanizado de olhar para o outro, onde a ética profissional do ato da psicologia estava entrelaçada com o olhar humanizado para o outro, na perspectiva de promover o cuidado propriamente dito, através da escuta daquele outro dando a ele importância e o enxergando plenamente.

Pode ser retomada a importância do cuidado e acolhimento nesse serviço, retomando Ayres, que fala que para além de uma tecnocracia, temos de tornar o serviço assistencial propriamente dito, um cuidado humanizado. E nesse cuidado, nesse acolher,

que podemos conhecer a pessoa, num ato humano, e sair daquela estagnação que cria desmotivação e agrava ainda mais as dificuldades de ser um profissional nesta área.³

A dicotomia entre estagiário e participante do projeto PASEC, implicou o estagiário a pensar em todas essas questões. E depois de toda essa experiência, com a experimentação de um projeto de intervenção em que estavam envolvidos colegas e todas as dificuldades que a equipe, em certa medida acomodada, estava tendo de se colocar no lugar do outro, foi possível perceber que a construção de hipóteses feitas inicialmente, através dos autores trabalhados, foram se mostrando pertinentes e fizeram este trabalho válido para esse momento no PASEC.

O que é possível perceber em todo esse processo desse grupo? Para além das produções de histórias? A importância do cuidado, da aproximação dos estagiários da equipe com os participantes, é algo muito importante para prática dos profissionais que atuam no campo da assistência social e da educação. Colocar o estagiário em contato com ler e rever essas questões não é uma tarefa fácil. O grupo desse trabalho pôde mostrar como existem formas de melhorar as práticas ao acolher o outro. Como incluir suas histórias, trajetórias de vida e suas representações são importantes para se situar em diferentes contextos, nos quais se circula como profissional em formação, em conjunto com áreas diferentes, atuando em um mesmo campo. Como os sujeitos dos discursos, podem para além de simplesmente ser aqueles que fazem uma leitura do ser humano com suas concepções, circular no campo dos diferentes discursos numa perspectiva transdisciplinar.⁴

Outro autor trabalha o mesmo tema, do cuidado com o usuário, a partir do campo da saúde, mas é possível transpor suas reflexões para o campo da assistência social e da educação. Conforme Emerson E. Merhy,

Esta possibilidade de se olhar destes lugares e utilizando do potencial desterritorializante que a aposta na integralidade contém, permitindo que interroguemos a nós mesmos como seus preenchedores de sentidos, nos nossos fazeres, apontando para este campo de porosidades, abre a gestão do trabalho para o coletivo e para um mundo novo no campo da saúde, operando outras lógicas capturantes. Pelas quais, o mundo dos usuários pode e deve invadir nossos

³ AYRES, José Ricardo de Carvalho M. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. *Saúde e Sociedade*. v.13, n.3, set-dez 2004, p.16-29. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v13n3/03.pdf> Acesso. em 03 dez. 2013

⁴ ALMEIDA FILHO, Naomar de. Intersetorialidade, transdisciplinaridade e saúdecoletiva: atualizando um debate em aberto. *Revista de Administração Pública*. Rio de Janeiro 34(6), Nov. /Dez. 2000, p.11-34. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6345/4930>. Acessado em 03 de dezembro de 2013.

núcleos tecnológicos de ação e impor novas lógicas, que olham para o lugar da promessa do referente simbólico da saúde: o ato de cuidar como um fazer coletivo voltado para a defesa da vida, individual e coletiva.⁵

O autor contribui apontando que o usuário do serviço tem sua importância e que os profissionais dentro de seus núcleos devem se abrir para essas pessoas, podendo rever posturas e dando maior significado as palavras reproduzidas, tornando o ato assistencial propriamente dito, preocupado com aquele que está no serviço como usuário.

Os “sintomas” citados pelos estagiários inicialmente, o calado, o agressivo, o que tinha potencial, se transformaram, a partir deste outro universo que foi o grupo. Ali naquele espaço, não demorou muito até que eles conseguissem perceber que poderiam trazer de si e ser o que são. Os papéis assumidos no grupo não foram aqueles do suposto sintoma. O calado falava, o agressivo cooperava, o que tinha muito potencial mostrou-se com dificuldade de compartilhar com os colegas, discordando das opiniões alheias e provocando a desordem quando havia tentativa de aproximação por outros integrantes do grupo.

O relato de experiência se conclui com a informação de que a intervenção alcançou muitos de seus objetivos traçados. Colocar o participante e o estagiário próximos, mostrando o quão pode ser importante essa aproximação tanto para o participante quanto para o profissional que se coloca nesse lugar. A arte possibilitou que o contato com as histórias pessoais de cada um fossem mais sentidas. A música foi a principal ferramenta de integração entre as crianças e os adolescentes. A narrativa também foi uma ferramenta eficiente para poder provocar a equipe a pensar nos participante e colocar-se a ouvir as histórias.

Referências

ALMEIDA FILHO, Naomar de. Intersetorialidade, transdisciplinaridade e saúdecoletiva: atualizando um debate em aberto. *Revista de Administração Pública*. Rio de Janeiro 34(6), Nov. /Dez. 2000, p.11-34. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6345/4930>. Acessado em 03 de dezembro de 2013.

AYRES, José Ricardo de Carvalho M. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. *Saúde e Sociedade*.v.13, n.3, set-dez 2004, p.16-29. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v13n3/03.pdf>. Acessado em 03 de dezembro de 2013.

⁵ MEHRY, Emerson Elias. Engravitando palavras: o caso da integralidade. In: Roseni Pinheiro; Ruben Araujo de Mattos. (Org.). *Construção social da demanda: direito à saúde, trabalho em equipe, participação e espaços públicos*. 1ª ed Rio de Janeiro: IMS/UERJ-CEPESC-ABRASCO, 2005, v.1.

DIEHL, Rafael; MARASCHIN, Cleci; TITTONI, Jaqueline. Ferramentas para uma psicologia social. *Revista Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 11, n. 2, mai./ago. 2006, p. 407-415. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n2/v11n2a19.pdf>. Acessado em 03 de dezembro de 2013.

KAMKHAGI, Vida R. Horizontalidade, verticalidade, e transversalidade em grupos. In: BAREMBLITT, Gregório F. *Grupos: teoria e técnica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

MERHY, Emerson E. Engravidando palavras: o caso da integralidade. In: Roseni Pinheiro; Ruben Araujo de Mattos. (Org.). *Construção social da demanda: direito à saúde, trabalho em equipe, participação e espaços públicos*. 1ª ed Rio de Janeiro: IMS/UERJ-CEPESC-ABRASCO, 2005, v.1.

WINNICOTT, Donald W. *Privação e delinquência*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.